

Mar e Sertão: Aproximações entre Fernando Pessoa e Guimarães Rosa” (de Noemi Elisa Aderaldo)

Francisco Carvalho

Comecei a ler o seu ensaio aqui mesmo na Reitoria e, de tão seduzido que fiquei com as perspectivas e desafios que ele nos oferece, só o larguei no final da semana, depois de concluída a leitura do texto completo de *Mar e Sertão: aproximações entre Fernando Pessoa e Guimarães Rosa*.

O prefácio do Artur Eduardo Benevides e a carta de João Clímaco Bezerra fazem justiça à importância e ao esplendor intelectual do seu magnífico trabalho. Não me sinto em condições de fazer um julgamento crítico do seu abalizado ensaio; mas posso dizer-lhe, sem falsa modéstia, que não me falta sensibilidade, nem intuição, para perceber e sentir certos matizes e gradações inerentes aos textos literários, até mesmo dos considerados inacessíveis ao curto fôlego dos iniciados.

Ao longo do seu ensaio, brilhante do começo ao fim, você dá uma demonstração vigorosa do seu talento, disciplina e metodologia para as atividades de investigação literária. Trata-se de um custoso trabalho de meditação e de reflexão, em que você analisa, com impressionante riqueza de pormenores, alguns dos textos mais expressivos de Fernando Pessoa e Guimarães Rosa.

A partir da utilização de uma terminologia crítica rigorosamente precisa e de acentuada postura acadêmica, você decodifica a prodigiosa cosmovisão daqueles autores e nos revela toda a riqueza simbólica e todo o manancial de significados existentes para além do que sugere a simples literalidade.

Considero-me um leitor contumaz de Fernando Pessoa e me sinto razoavelmente informado sobre os desvios e a com-

plexidade a que nos remete a sua poesia. Complexidade que se torna ainda mais densa e obscura com a entrada em cena dos heterônimos do poeta, através dos quais se projetam os antagonismos e conflitos da exuberante individualidade de Fernando Pessoa.

Leio Guimarães Rosa com menor freqüência, mas tenho profunda admiração pelo grande épico de Sagarana e Grande Sertão: Veredas. Ambos podem (e devem) ser considerados autores de difícil acesso, uma espécie de país inatingível que só os olhos da intuição afoita e do saber acadêmico podem contemplar. Acho que se pode afirmar, sem risco de equívoco, que esses notáveis pastores devem guardar ovelhas gordas, mas, contrariando o famoso mandamento virgiliano (*Bucólicas*, VI), não costumam dizer versos singelos.

Essas aproximações que você faz, com excepcional competência e erudição, entre a prosa poética de Guimarães Rosa e poemas de Fernando Pessoa, desvelando o denso mistério e a transcendente beleza subjacentes nos estratos mais profundos e secretos da prosa e da poesia desses autores, constitui comovente atitude de entrega e doação, uma vigorosa demonstração de solidariedade ao leitor e a todas aquelas pessoas que se sentem seduzidas pelo sortilégio das ficções literárias.

Essa procura agrônica de realidade intangíveis; essa ânsia e devassar o arcano das palavras e de sentir-lhes a palpitação mais íntima e mais recôndita; esse impulso inelutável de descer (ou de subir?) os setenta vezes sete degraus da escada da transcendência, até o clímax da vertigem; tudo isso que você protagoniza como sagaz pesquisadora e intérprete de textos impregnados de tensões e de intenções; toda essa riqueza de significados e de conteúdos encantatórios que as suas palavras nos transmitem, tudo constitui mais do que prova cabal de uma autêntica doação de corpo e de alma.

Você demonstra possuir, em altíssimo grau, essa paixão pela verticalidade da pesquisa, pelo desnudamento das camadas sub-

terrâneas da linguagem, pela contemplação e decifração do aparato imagístico e metafórico, enfim, por todas as possibilidades e expectativas que os textos literários dos grandes autores costumam oferecer. Esse magnífico trabalho de confronto, entre dois gênios incontestáveis da língua portuguesa, põe à prova o seu indiscutível talento, sua vasta cultura e disponibilidade espiritual para apreender, em todas as suas nuances e paradoxos, as complexas situações consubstanciais à criação poética.

Depois de ler o seu admirável ensaio e de verificar a procedência das aproximações (textuais e contextuais) feitas por você, com tão pródigos e irrefutáveis argumentos, fico a me perguntar se esse fenômeno decorre de alguma impregnação de leitura (de Guimarães Rosa em relação a Pessoa), ou se não passa de simples coincidência de forma e conteúdo. Será que Rosa leu Pessoa, a ponto de sentir-se vincado pela marca poderosa do imenso poeta? Mas talvez não seja nada disso. Talvez seja coincidência mesmo. Ou será que os espíritos que planam nas alturas costumam ser semelhantes pela forma e pelo conteúdo?

Como se tudo isso não bastasse, você nos brinda, neste sedutor ensaio, com uma linguagem extremamente rica e precisa na formulação de idéias e de conceitos. Sua linguagem como se clarifica essa atmosfera de permanente obscuridade em que gravitam os grandes poetas, trazendo até nós, pobres mortais, essas dádivas de mistério e de beleza que permeiam os textos desses iluminados. Mesmo em face de formulações poéticas próximas do inefável ou do intraduzível, o seu raio de alcance é tão vasto e prodigioso, que o texto mais hermético acaba por tornar-se de fácil compreensão.

Dou-lhe este modesto testemunho de simples leitor de poesia com o exclusivo propósito de prestar-lhe as minhas homenagens. Espero que o seu trabalho, por todos os encantos e qualidades que possui, seja lido e admirado na justa medida de seus merecimentos. Sabemos todos que a literatura, neste país e nesta hora, é uma espécie de viagem sem retorno. Mas isso não significa que deixemos de levar a sério os nossos projetos

e propósitos em relação ao fazer poético. O consolo é saber que existem pessoas iguais a você; pessoas que colocarão as suas preocupações de ordem pragmática em segundo plano para nos guiar pelo reino misterioso da poesia e nos conduzir até os seus pórticos mais altos.

Com amizade e a renovada admiração do Francisco Carvalho.